



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8153 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 12 - Currículo

‘CINECONVERSAS’ E TESSITURAS CURRICULARES NO INIMAGINÁVEL ANO DE 2020

Rosa Helena de Mendonça - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rebeca Silva Brandão Rosa - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES / FAPERJ

‘CINECONVERSAS’ E TESSITURAS CURRICULARES NO INIMAGINÁVEL ANO DE 2020

A metáfora de que “cinema é cachoeira”, criada por um dos pioneiros do cinema educativo no Brasil, Humberto Mauro, poderia sintetizar a ideia das ‘*cineconversas*’ que realizamos, como uma das ações de um projeto de pesquisa em andamento, em que fazemos uso (CERTEAU, 1994) de filmes em processos de formação de professores.

As sessões consistem em, após a exibição de filmes, conversarmos sobre/com eles e entre nós, os participantes, a partir das redes educativas que constituímos e que nos constituem. As ideias jorram como as águas de uma cachoeira quando ‘*vemosouvimos*’ filmes que são considerados por nós como personagens conceituais (DELEUZE, 1992), ou seja, como os ‘outros’, os interessados que suscitam elucubrações e descobertas, para quem a eles assistem e com eles conversam, considerando que não há espectador passivo.

Podemos perceber que a importância do cinema na educação atravessa gerações, com diferentes perspectivas de uso, seja do que chamamos de cinema educativo ou de cinema de arte ou mesmo de cinema comercial (*blockbuster*), denominações amplamente utilizadas pela crítica e por parte do público. A diferença entre esses tipos de filmes encontra-se, principalmente, nas condições e intencionalidade das produções e no seu uso.

Sendo assim, qualquer filme pode ter um uso educativo. A intencionalidade do uso se sobrepõe, muitas vezes, àquela da produção. E são as conversas com os filmes, em situações que valorizam a criação de redes educativas, que nos interessam nas ‘*cineconversas*’ e também nos instigam na apresentação deste trabalho que reflete resultados parciais de uma pesquisa em andamento.

Antes de prosseguir, uma distinção é importante: entendemos o cinema como um artefato tecnológico e cultural, que assim como outras tecnologias vem passando por mudanças em seus modos de produção e recepção. Aqui vale refletir sobre algumas das alterações nos modelos de captação das imagens em movimento, posteriormente conjugadas

aos sons. Outra observação importante é que embora reconheçamos o cinema como artefato tecnológico e cultural, nós entendemos, na pesquisa, os filmes como personagens conceituais nas sessões de ‘*cineconversas*’, nos textos que criamos e em nossas próprias produções audiovisuais.

Na perspectiva dos estudos com os cotidianos (ALVES, 2003; CERTEAU, 1994), nosso interesse com relação aos currículos volta-se para a compreensão de como as questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas.

Um dos temas que nos parece crucial diz respeito à migração, fenômeno que desde os primórdios acompanha a humanidade, mas que vem tomando grandes proporções e exigindo atenção de governos, de organismos internacionais e da população em geral, esforços no sentido de minorar as dificuldades de quem se vê obrigado a migrar por razões como guerras, fenômenos climáticos, problemas sanitários, questões religiosas, econômicas, políticas entre outras como a atual pandemia que vivemos hoje, em decorrência, entre tantos fatores, das migrações como outros registros no passado.

Os filmes têm se mostrado personagens conceituais potentes para suscitar conversas, uma vez que as produções nos levam a ‘*espaçostempos*’ diversos e abordam, por meio de roteiros originais, seja no chamado cinema-documentário ou nos filmes de ficção (considerando ainda as fronteiras esgarçadas entre esses dois gêneros) a diferentes situações, no que diz respeito à temática da migração e nos ajudam a lidar com os desafios dos cotidianos nas escolas e na sociedade em geral.

O filme *Um conto chinês* (2011), situado no ‘entre-lugar’ (Bhabha, 1998) do drama e da comédia, trata do tema da migração como pano de fundo de uma história ‘surreal’. Um fato real, inusitado, é o ponto de partida da trama. Uma vaca despenca de um avião, em uma província da China e atinge uma jovem que passeava de barco com o noivo. A jovem morre e, para recomeçar sua vida, o jovem vai para Buenos Aires, à procura de um tio, que migrara para a Argentina. Na cidade, passa por muitas das dificuldades reservadas aos estrangeiros, em especial aos migrantes. Recebe a ajuda circunstancial do portenho solitário, sobrevivente, não sem traumas, da chamada Guerra das Malvinas, atualmente dono de uma loja de ferragens. Assim, realidade e ficção vão se mesclando na trama, uma vez que o cinema não é uma mera representação da realidade. Sua potência é criar realidades que ‘capturam’ o espectador, levando-o do riso ao pranto, de uma experiência a outra, criando redes a partir de outras redes... O dono da loja de ferragens era sistemático, colecionava notícias sobre fatos inusitados, e o que seria mais insólito do que uma vaca despençar do céu? Esse recorte fortaleceu o encontro entre duas pessoas diferentes. Seria essa aproximação coincidência, ‘gatilho’ de roteiro forçado?

Ao apresentar os textos da coletânea *A experiência do cinema*, Ismail Xavier destaca que o jogo entre realidade e ficção, citando Munsterberg, revela *a condição do espectador que aceita a aparência de profundidade [na tela] e, ao mesmo tempo, sabe que essa profundidade não é real* (1983, p. 19).

O espectador não é elemento passivo, totalmente iludido. É alguém que usa de suas faculdades mentais para participar ativamente do jogo, preenchendo as lacunas do objeto com investimentos intelectuais e emocionais que cumprem as condições para que a experiência cinematográfica se inscreva na esfera do estético; (idem, p.20).

É assim, então, que, por meio de narrativas cinematográficas entramos pela tela do cinema, buscando correlacionar ‘*espaçostempos*’ na arte e na vida. Muitos identificam nas histórias passagens de suas próprias vidas. Quem não teve/tem um parente migrante? Que pessoa nunca viveu um fato inusitado? Por que nos emocionamos ou não com determinadas cenas, sejam clichês ou situações absolutamente inimagináveis?

Ao reafirmar a potência do cinema nos processos formativos, pretendemos também evidenciar que são múltiplos os artefatos tecnológicos e culturais presentes nos *'dentrofora'* das escolas, sem desconsiderar a importância dos textos escritos (teóricos, literários etc.). As *'cineconversas'* podem acontecer em diferentes espaços que vão de salas de cinema a salas de aula com possibilidade de projeção, aos próprios lares, como vem sendo o possível em tempos de pandemia. As conversas podem acontecer presencialmente ou por meio de *chats*, já que há inúmeras possibilidades de se conversar *online* e que, no presente momento, são as viáveis. Além disso, é importante registrar que outras tecnologias, incluindo-se aí os celulares, permitem a criação de pequenos vídeos para os quais os filmes podem ser inspiradores ao significar uma ampliação dos modelos difundidos na TV e na internet. A circulação de filmes e de ideias entre professores e futuros professores nos cursos de Pedagogia significa uma contribuição no campo das *'prácticasteoriaspráticas'* que é como compreendemos nos estudos com os cotidianos as formas de se fazer ciência e educação.

Palavras-chave: Currículos. *'Cineconversas'*. Personagens conceituais. Redes educativas.

Referências

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 04, nº. 7-8, jan/dez, p.1-8, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal - Embrafilmes, 1983.

Filme citado

UM CONTO CHINÊS (*Un cuento chino*). Direção de Sebastián Borensztein. Elenco: Ignacio Huang e Ricardo Darin, entre outros. Produção: Pablo Bossi e outros. Roteiro: Sebastián Borensztein. Distribuidora: Paris Filmes. Argentina/ Espanha, 2011.